

O ABSOLUTO FRÁGIL

Geová Nepomuceno Mota*

ŽIŽEK, Slavoj. **O absoluto frágil**. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2015.

O livro é interessante e desafiador. Sua leitura, além da filosofia, requer uma abertura para outras fontes do saber. O autor é bem eclético, envolvido com as questões políticas, sociais e econômicas, é professor, filósofo, psicanalista, além de escritor.

Slavoj Žižek nasceu em 1949 na cidade de Ljubljana, Eslovênia. É um dos principais teóricos contemporâneos. Transita por diversas áreas do conhecimento e, sob a influência principalmente de Karl Marx e Jacques Lacan, elabora uma inovadora crítica cultural e política da pós-modernidade. Professor da European Graduate School e do Instituto de Sociologia da Universidade de Ljubljana, preside a Sociedade de Psicanálise Teórica, de Ljubljana, e é diretor internacional do Instituto de Humanidades da Universidade Birkbeck, de Londres.

A obra em questão abre um leque de discussões com relação à estrutura atual da sociedade, os conflitos de ideias e, principalmente, a questão do sagrado e sua influência em vários setores da vida cotidiana das pessoas. Dentre as possibilidades de interpretação da obra, será destaque nessa leitura, a religião absoluta para seres frágeis. Na verdade o ser frágil, o fiel, o humano, é que torna o absoluto na religião, sem os mesmos a religião por si só não tem força.

Na obra, o autor trata do fenômeno religioso que envolve uma dinâmica delicada, uma linha tênue entre o permitido e o não permitido na institucionalização do sagrado e, de certa forma, naquilo que não pertence a esse universo, mas faz parte da organização humana, no caso, posturas ateias, críticas às religiões e o próprio desejo humano. Isso numa perspectiva particular, trabalhada por Žižek, na leitura psicanalítica com pensadores como Freud e Lacan, porém a obra não fica só no campo da psicanálise, envolve o possível diálogo entre cristianismo e marxismo. Para chegar a essa abordagem, o autor parte da mesma matriz religiosa do judaísmo, do cristianismo e do islamismo; a narrativa abraâmica, a de Moisés, chegando a Jesus de Nazaré e Maomé.

* Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor da Faculdade de Pará de Minas, do Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), no CEFAP/PUC Minas e no Seminário Sagrado Coração de Jesus - Diamantina. E-mail: geova.filosofia@hotmail.com.

No prefácio, é desenvolvida uma bela provocação. O fio condutor em “O absoluto frágil” é a incompatibilidade entre o cristianismo e a espiritualidade praticada no Oriente, de modo bem particular, a posição do islã, ou seja, as duas forças religiosas provocam uma situação perturbadora. Diante do conflito iminente pode-se falar em duas questões importantes, uma espécie de recalque de dois fenômenos religiosos, o judaísmo e o islamismo, ambos juntamente com o cristianismo têm a mesma base fundacional, as figuras de Abraão e Moisés, como citado no parágrafo anterior. Então, o que levou cada uma a tomar um rumo diferente? Outra questão importante é o fantasma da insegurança gerada por essas interpretações particularizadas e, em muitos momentos, sustentadas pelo fundamentalismo.

É importante perceber, a partir da obra, como a questão do sagrado influencia a vida da pessoa, de modo particular essas três “matrizes” citadas pelo autor que buscam uma interpretação diferenciada em suas práticas. O judaísmo possui uma genealogia, Abraão é o pai simbólico. No cristianismo, parte-se dessa genealogia, mas o ponto forte é a Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo pós-paternal. No islã, Deus não é nascido, Alá não é pai, “Deus é o puro Um” (p. 13). Daí decorre perceber que o islã não é uma religião institucionalizada, não é uma Igreja, incorpora-se ao Estado. O mundo não vive só em volta dessas três religiões, porém elas são as que mais ‘mexem’ com o inconsciente coletivo. Assim, justifica-se a abordagem desenvolvida pelo autor, entre filosofia e psicologia e/ou mesmo as duas em parceria.

O autor trabalha na obra a relação entre o absoluto criador e a fragilidade humana, na interpretação dos ditos, dos textos, das narrativas da origem do sagrado que cada grupo compõe sua história e no desenrolar da experiência social, política e econômica. Desta forma o mundo fica à mercê da sensibilidade adquirida e ao mesmo tempo praticada. É mostrado que a lei estabelecida por cada religião é constituída de acordo com o interesse que elas mesmas constituem.

É oportuno frisar algo que permeia a obra, principalmente no início; a presença feminina na caracterização do sagrado. De uma maneira ou de outra, a mulher tem o papel preponderante, mas, mesmo assim, é tratada em segundo plano, sofre o preconceito e, às vezes, é acusada de despertar o desejo do homem. Será esta a fragilidade humana? Assumir que possui desejos? Essas são duas perguntas interessantes e que merecem atenção. Amparado por sua habilidade intelectual, Žižek discorre com segurança ao expor o tema e chamar a responsabilidade da religião, em destaque o cristianismo, por ser considerada a que possui um maior número de adeptos. Outra realidade mencionada na obra é o aspecto

religioso em si, não essa ou aquela religião, mesmo de movimentos que surgem na contemporaneidade, principalmente as células fundamentalistas.

Buscar uma resposta para os problemas humanos, a valorização da globalização com suas qualidades positivas e/ou negativas também são importantes numa reflexão profunda e atual. Žižek é bem firme em sua análise, cabe ao leitor perceber a sutileza e desfrutar dessa qualidade do esloveno, ou seja, se inteirar das dificuldades humanas, da realidade social e buscar uma participação concreta na busca de possíveis soluções.

Seguindo o raciocínio da obra, o autor alerta, nessa ‘pós-modernidade’, o retorno da dimensão religiosa, o fundamentalismo cristão, islâmico, a multiplicidade espiritual, como a Nova Era e outras formas de manifestação religiosa. O que é a religião? O que precisa para ser religião? Por outro lado, na teoria marxista (Lênin), tal situação é complicada e/ou, de certa forma, inaceitável, apoderou-se de um fundamentalismo, dá implantação do comunismo a qualquer custo contra o capitalismo na Europa Oriental, configurando na criação da antiga URSS. Percebe-se como pano de fundo a realidade capitalista e sua influência no desenrolar da atividade humana. Segundo o autor, cristianismo e marxismo juntos podem lutar contra os novos espiritualismos, em muitos casos originados pela euforia capitalista. Ele fala do autêntico cristianismo, o primitivo, que lutou contra a institucionalização da Igreja do antigo Marx, também autêntico, que pretendia uma melhor estrutura para a implantação do comunismo, não a qualquer custo, como fez Lênin. Tais posturas mudaram os rumos no decorrer da história e, como consequência, produzem um prejuízo em vários setores da ação humana.

O autor levanta o problema do preconceito oriundo das incompreensões e do desrespeito à liberdade do outro, não apenas no campo das pessoas, o que já é sério, mas também entre nações de maior poder econômico e político sobre as consideradas menores. Nesse ponto, o racismo é desprezo cultural, geralmente do mais forte etnicamente para o mais fraco. Hoje se fala de respeito cultural pelo outro, mas isso é hipocrisia. Tal ação provoca prejuízo moral e ético para os povos que sofrem o preconceito e gera um desconforto nas relações entre os países tratados dessa forma.

A questão do desejo permeia a atividade humana, por isso o próprio sistema capitalista produz elementos que estão para o objeto intangível do desejo, ou seja, a causa dos desejos. Situações, produtos e orientações econômicas são cada vez mais objeto de desejo de muitos, mas, controlados por uma minoria que detém o poder de alto preço, assim desfavorecem a vontade do outro. Aqueles que não conseguem desfrutar das benesses do prazer vivem um vazio, o que desqualifica o espírito, o sujeito, transformando-o apenas em objeto de

manipulação constante, o que minimiza a capacidade de ação do indivíduo, e por que não dizer, de algumas nações sem força de atuação independente. Percebe-se na exposição da ideia do autor uma questão de fundo muito importante: às vezes, o poder se torna uma “personalidade real”, isto é, não há necessidade da presença do verdadeiro, o aparente ocupa o lugar no satisfazer do desejo e, ao mesmo tempo, na manipulação deste. O sistema, por si só, produz a substituição do real em conformidade com a satisfação pessoal e/ou mesmo coletiva.

Toda essa questão trabalhada por Žižek deixa um considerável número de pessoas vivendo uma espera messiânica que não dão conta da realidade dos fatos, seja no mundo Ocidental como no Oriental. Nesse caso, é possível falar do aspecto religioso e sua ocupação do espaço vazio na vida dos cidadãos em vários países. O fenômeno religioso amparado pela maioria das pessoas, muitas vezes, serve de objeto de manipulação, de aceitação da condição que vivem e da falta de perspectiva de mudança imediata. Essa postura acarreta uma gama de frustrações nos indivíduos, porém a grande maioria não possui consciência crítica para perceber o perigo por que passam.

Outro ponto trabalhado pelo autor é o resultado provocado pelo capitalismo global fantasiado de humanismo. Há nessa questão uma crítica de Marx à economia política, as gerações repetem a metodologia dos capitalismos anteriores. O que existe, de fato, é proteger os interesses de empresas multinacionais, privilegia as empresas de grande porte nacionais e não oferece o mesmo tratamento às pequenas empresas. Enquanto isso, a maioria vive a ilusão do “supereu”. Assim, surge o “Acordo Multilateral de Investimento”, a política do AMI leva os Estados a perderem suas autonomias frente às empresas multinacionais, principalmente nos países em desenvolvimento. Nessa perspectiva, temos o embate entre lei natural e lei positiva, direitos humanos e direito internacional e, na mesma linha, ao colocarmos a questão religiosa, entra a ‘lei superior’, do próprio Deus. Ao ser interpretada, essa lei supera as demais e quem a evidencia torna-se soberano diante dos demais, provocando, com isso, conflitos internos e externos no campo das relações. Uma saída para os conflitos é a busca da paz. Resta saber quem, de fato, quer a paz. Alguns governos e até mesmo indivíduos usam a força com o discurso de defender a soberania do Estado, a garantia dos direitos humanos por meio do sagrado e, em muitas situações, com um grau de fundamentalismo o qual impede o outro de ser o que deveria ser e o não ser, o que de fato é, ou seja, a pessoa vive numa ilusão..

É perceptível na obra a relação ou “não relação” entre o capitalismo e o comunismo. A pergunta que surge daí: é possível criar uma terceira via? Um comunismo solidário com uma

competição de mercado? Por outro lado, o capitalismo global com rosto humano, o qual abraça as ações do indivíduo, depois de crescer e dominar e, ao mesmo tempo, passar a imagem do real, do encanto, do prazer. Neste sentido, Žižek fala que a fantasia ocupa o lugar do real, leva o sujeito a viver uma falsa realidade. Seria essa a ilusão capitalista? A sociedade está preparada para viver o real? Não é interessante generalizar e dizer que sim. Existem pessoas, nações na busca dos fatos. Fugir dos problemas gera consequências absurdas. O ideal é enfrentar a realidade, evitar os fantasmas, as trapaças e evidenciar o compromisso com o mundo real. Viver a mentira, a fantasia, implica o descompromisso com o real do mundo.

Viver uma mentira simbólica em substituição do real produz situações delicadas no campo das relações humanas, por isso a consciência pertence ao indivíduo e não pode ser-lhe furtada, negar o inegável é complicado. Assim o sujeito caminhará na conquista do seu espaço, da sua identidade. Nessa linha de raciocínio, o passado deverá sempre apontar o futuro, não se acomodar com o aparente prazer do presente. Nesse sentido, a igualdade imaginária ofusca o que deveria ser o real. O simbólico aparece como o real. O símbolo representa aquilo que apresenta o fato como memória de uma situação vivida no passado. Traz na lembrança o que foi, mas se faz presente na representação do real através do símbolo.

Outro ponto importante da obra é o que Žižek chama de “o desacoplamento de Cristo”. Tal colocação representa o fato de Cristo romper a hierarquização da sua época, priorizar aquela camada mais baixa da escala social, os mais pobres e menosprezados pela sociedade recebem tratamento especial por Ele. O problema é que esse exemplo, o comportamento de Cristo, nem sempre é seguido por aqueles que defendem sua postura. Subjetiva a mensagem religiosa em detrimento da objetivação do outro e no outro, produzindo, assim, um descompasso social, deixa escapar o absoluto movimento do amor na fragilidade da compreensão, da percepção da beleza do gesto.

O indivíduo deve agir e evitar que seu ato bom justifique um ato ruim. Por exemplo: a pessoa ajuda uma comunidade carente usando verbas desviadas de negócios desonestos. A pessoa joga fora a mensagem de libertação total do outro, transforma o absoluto fazer bem em um frágil gesto de falsidade comportamental. Outro ponto exemplar nesse campo é o fundamentalismo, o sujeito ou grupo defende uma ideia, uma postura da forma subjetiva em detrimento da objetividade social. Ignora o valor diferente e enaltece sua postura de maneira exagerada e, às vezes, destrói aquilo que considera seu opositor.

O resgate da dignidade humana faz-se necessário na investida de Žižek através dessa obra. Fica uma crítica à postura religiosa de camadas da sociedade que, na verdade, não

buscam a alteridade, mas a massificação do indivíduo e sua exploração constante nos âmbitos político, ético, econômico e social.

A obra do esloveno provoca no leitor uma reflexão acerca da atual conjuntura da sociedade, não só local, territorial, mas a nível internacional. Com a globalização, o mundo ficou ao alcance de várias pessoas através de seus encantos midiáticos e dos produtos tecnológicos, favorecimento do sonho que antes era difícil de realização. Agora a sensação é que “tudo posso e devo”, não importa a classe social, mesmo os explorados vivem a experiência do querer, proporcionada pelo explorador. A obra menciona o marxismo, o capitalismo, o cristianismo, o ressurgimento do sagrado e outras manifestações. Mas a religião, seja ela qual for, tenta impor seu caráter de absoluta diante de um fiel frágil pela falta de conhecimento. No momento em que este busca uma conscientização, percebe que o absoluto está no detalhe da sua ação enquanto sujeito.